

## **A luta torcedora em escala global: um panorama das disputas políticas internacionais no campo futebolístico**

VITOR GOMES\*

A intenção principal neste *paper* é a de construir um panorama de temas e disputas envolvendo dois dos principais países do contexto futebolístico atual: Inglaterra e Itália. Entendo que cada um deles adiciona elementos à discussão acerca das associações político-torcedoras no futebol, ainda que o debate em torno da mercantilização do esporte esteja presente com destaque em todos os tópicos a seguir.

Por fim, no último tópico, disserto brevemente sobre o espaço que o futebol de países latino-americanos possui no contexto de um esporte globalizado, em que padrões estéticos (sejam voltados aos estádios ou a modos de torcer) e de gestão do futebol são impostos e importados de maneira acrítica, gerando uma caricatura do futebol europeu, tido como ideal.

### **O futebol inglês pós-Hillsborough: estádios para quem?**

A Premier League, campeonato nacional de pontos corridos da primeira divisão de clubes da Inglaterra, inaugurada em 1992, é identificada no senso comum futebolístico como a liga mais bem desenvolvida do planeta. Aspectos como competitividade, equilíbrio técnico, intensidade no jogo, alta taxa de ocupação dos estádios e as cifras relacionadas aos direitos televisivos e salários de jogadores compõem essa avaliação.

O diagnóstico positivo e otimista quanto ao futebol inglês esconde, porém, as tensões e disputas presentes desde o início de sua transformação radical, a partir do que ficou conhecido como a tragédia de Hillsborough. Com o cuidado necessário para não cair na armadilha de criar aqui uma ruptura total entre o que existia antes e depois de Hillsborough – ou seja, a ilusão de totalidade histórica homogênea a que se refere, criticamente, Aníbal Quijano (2010) –, considerarei o evento trágico enquanto marco histórico essencial para a compreensão do fenômeno, dado o alcance do debate e a crescente atenção que o futebol inglês passou a receber após o ocorrido.

Em 15 de abril de 1989, Liverpool e Nottingham Forest jogavam a semifinal da Taça da Inglaterra no estádio de Hillsborough, em Sheffield-ING. Com poucos minutos disputados, a partida foi interrompida pelo árbitro por orientação da polícia local. O fluxo de entrada dos torcedores saiu do controle dos responsáveis pela organização da partida e, entre pisoteados e/ou esmagados contra a estrutura física do lado de dentro do estádio, 96 torcedores morreram, configurando um dos maiores desastres da história do futebol.

---

\*Mestrando em Sociologia pelo PPGS/FCS da Universidade Federal de Goiás, financiado pela FAPEG.

Ainda que não seja meu objetivo tratar da investigação policial acerca do caso, é importante notar como a narrativa construída naquele momento apontava para a culpabilidade dos torcedores ingleses<sup>1</sup>. Os *hooligans*, já na mira da opinião pública e governamental por conta da tragédia de Heysel<sup>2</sup> em 1985, ocupavam o centro da discussão – inclusive enquanto objeto de pesquisa acadêmica, como no caso de Taylor (1971), ainda na década de 1970 –, geralmente indicados como os responsáveis principais nos episódios de violência ocorridos no futebol inglês, especialmente relacionados com o abuso do álcool.

A partir da ordem do governo liberal inglês liderado por Margareth Thatcher, o Lorde Peter Taylor de Gosforth, juiz de direito, passou a supervisionar um amplo relatório que deveria buscar as causas do desastre em Hillsborough, bem como indicar as medidas e transformações necessárias para que tal tragédia não se repetisse. Após uma publicação interina, sua versão final, que passou a ser conhecida como “Relatório Taylor”, foi publicada em 1990<sup>3</sup> e estabeleceu algumas das bases para a construção da atual Premier League. Apesar de Taylor já apontar para a incompetência policial e péssimas estruturas do estádio como responsáveis pela tragédia em seu relatório, a culpa direcionada aos *hooligans* permaneceu até 2016, quando os resultados de uma nova investigação foram publicados, inocentando torcedores e apontando a negligência policial no caso. As novas conclusões foram resultado de anos de contestação por parte de familiares dos torcedores vitimados e apontados como responsáveis pelas mortes.

Retomando o contexto do final dos anos 1980, os principais alvos do “Relatório Taylor” foram os estádios ingleses. Simões (2017: 91) aponta para a necessidade dos clubes ingleses, de forma a atenderem às exigências e reformas estruturais de seus estádios, abrirem seu capital para atrair novos recursos e investimentos, inaugurando a era da mercantilização do futebol inglês. Segundo o mesmo autor, o lançamento da nova Premier League, em 1992, funcionou como o marco central dessa reestruturação, que impactou de forma direta os principais interessados, ainda que jamais tenham participado das tomadas de decisão: os torcedores.

Em consonância às transformações físicas nos estádios (como, por exemplo, a exigência de cadeiras em todos os setores), um novo tipo de torcedor passou a ser desejado, já que era

---

<sup>1</sup> A histórica capa do jornal “The Sun”, que acusa torcedores de roubar vítimas, urinarem em policiais e agredirem médicos durante o ocorrido, colaborou com a imagem negativa construída: <https://www.dailyrecord.co.uk/incoming/article1322061.ece/BINARY/Hillsborough%20The%20Sun.png> Acesso em 06 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> A “Tragédia de Heysel” vitimou 38 pessoas durante a disputa da final da Taça dos Campeões da Europa entre Liverpool (ING) e Juventus (ITA). O time inglês foi excluído de competições europeias por cinco temporadas, em medida que contou com o apoio da Rainha Elizabeth II, demonstrando o alcance da repercussão dos incidentes (SIMÕES, 2017: 90).

<sup>3</sup> A versão final do relatório, em inglês, pode ser acessada aqui: <https://web.archive.org/web/20140330053408/http://southyorks.police.uk/sites/default/files/hillsborough%20stadium%20disaster%20final%20report.pdf> Acesso em 06 de outubro de 2018.

considerado necessária a exclusão daqueles apontados como responsáveis de episódios violentos no futebol inglês, os *hooligans*.

O futebol, gerido agora com base em uma racionalidade econômica muito comum ao mundo empresarial, visava expandir as possibilidades de ganhos financeiros transformando o jogo em um evento, um espetáculo de entretenimento, buscando clientes engajados no consumo dos produtos relacionados ao clube em detrimento de uma significativa parcela mais pobre de seus torcedores, que se viu impossibilitada de uma relação mais próxima ao clube, inclusive no que diz respeito ao acesso aos estádios.

Nesse sentido, referindo-se ao novo modelo ideal de estádios de futebol, Mascarenhas (2014) indica a produção de territorialidades excludentes que funcionam baseadas em alguns preceitos:

*[...] limitação de acesso ao recinto, seja pela sensível redução da capacidade dos estádios, seja pelo encarecimento extremo dos ingressos, seja, ainda, pelas restrições de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, incluindo faixas e cartazes com conteúdo “político” [...] limitações severas de comportamento dentro do estádio, pela imposição de normas e vigilância onipresente por meio de câmeras filmadoras* (MASCARENHAS, 2014: 211-212)

A partir do que classifica como o processo de hipermercantilização do futebol mundial, Giulianotti (2012) criou quatro tipos ideais como forma de identificação de torcedores. O tipo ideal compreendido como a manifestação mais radical do que se tornou alvo da nova política de governança no futebol, inclusive no caso inglês, é o flâneur. Em oposição ao que classifica de torcedores tradicionais e fanáticos, com forte identificação com o clube, Giulianotti compreende o flâneur da seguinte maneira:

*Frequentemente, ele é um burguês em busca de uma multiplicidade de experiências no futebol. O flâneur adota uma postura afastada em relação a clubes de futebol, mesmo com seus favoritos. Um verdadeiro flâneur do futebol, o consumidor frio, pertence apenas a uma comunidade virtual de andarilhos que olham os clubes como que em uma vitrine* (GIULIANOTTI, 2012: 26-27).

É evidente que um processo de elitização e exclusão sistematizada como o contextualizado acima causaria, também, reações contrárias, especialmente daqueles que viram seu modo de torcer e o básico acesso aos estádios ameaçados. É importante notar que, com a intenção de afastar aqueles que praticavam violência, uma lógica econômica elitista acaba por impossibilitar o acesso de uma parcela de torcedores muito maior do que aquela que realmente é responsável por atos violentos. Se opor a esse tipo de processo de exclusão não significa endossar, necessariamente – ainda que seja provável a presença de todo tipo de torcedor nesse movimento contestador –, a violência enquanto parte de uma cultura futebolística ativa, que não se contenta com a passividade consumista desejada pelo novo modelo.

O estudo de Nash (2000) contribui de forma significativa para o panorama geral que tento desenvolver aqui em relação às mobilizações contestatórias de torcedores ingleses a partir dessa

nova conjuntura. O objetivo do autor é o de investigar a natureza os movimentos denominados como ISA (sigla em inglês para Associação Independente de Torcedores, em tradução livre) enquanto a principal forma de organização torcedora – mas não a única, já que Federação Nacional de Torcedores de Clubes de Futebol (NFFSC na sigla em inglês) existe desde 1927, segundo Nash – em oposição aos valores capitalistas cada vez mais dominantes na primeira divisão inglesa, a Premier League. O estudo se volta para os exemplos da BIFA (associação de torcedores do Sheffield United), a INUSA (associação de torcedores do Newcastle United), a LCISA (associação dos torcedores do Leicester City) e a SISA (associação de torcedores do Southampton), ainda que esses não sejam os únicos casos e se referem apenas a um recorte de pesquisa.

A identificação de uma cultura de contestação própria dos ISA's é baseada em duas questões centrais no processo de transformação ocorrido no futebol inglês: mudanças na demografia dos estádios, ou seja, quem passou a formar o público presente nos jogos, e a mudança física na estrutura dos estádios.

As ISA's dos quatro clubes pesquisados por Nash se colocaram contrárias a elementos-chaves que compunham a relação entre o modelo de livre mercado adotado e os torcedores. As contestações podem ser equalizadas em algumas categorias: a precificação dos ingressos orientada por preceitos meramente mercadológicos; a pouca importância dada às consequências dessa política de preços, preocupada apenas com a possibilidade de aumentar salários de jogadores e o orçamento para transferências; a remodelação dos estádios.

Segundo Nash, a preocupação com a questão da política de preços das associações de torcedores diz respeito, mais até do que uma questão de classe, a uma oposição entre um tipo de torcedor considerado genuíno, que centra sua relação com o clube nas raízes emocionais e de participação ativa nas arquibancadas, e o que chamam de torcedores 'corporativos', que constroem sua relação com o clube a partir de fins econômicos. Nesse sentido, a classificação anterior feita por Giulianotti (2012) ganha o reforço de um exemplo empírico que, no caso inglês, é construída pelos próprios torcedores, ainda que se refiram muito mais a comunidades imaginadas, nos termos de Anderson (2008), do que a existência real de um grupo coeso de torcedores que vivenciavam, em tempos passados, o futebol de uma mesma maneira.

Além da questão econômica, as quatro ISA's possuíam um posicionamento ativo contra o racismo e machismo, demonstrando um escopo político mais abrangente na atuação desses torcedores. Segundo Nash, em tradução minha:

*essas ISA's assumiram uma posição altamente ativa, construindo uma cultura de inclusão que se baseou em significados sociais dos clubes e conceitos de comunidade*

*para atingir, genuinamente, envolvimento de torcedores minoritários no clube*  
(NASH, 2000: 475)

Já em relação às remodelações dos estádios, é significativo notar, como aponta o autor, que os quatro clubes pesquisados passavam, no final dos anos 1990, ou pela procura de realocação para seus mandos de campo (casos de Southampton, Newcastle e Leicester) ou pela expansão de seu estádio (no caso do Sheffield), ou seja, era um tema central nos debates entre os torcedores. Um ponto em comum defendido pelas quatro ISA's era o retorno dos *terraces* (que podem ser entendidos como as gerais nos antigos estádios brasileiros, um espaço de arquibancadas sem cadeiras), proibidas pós-relatório Taylor, em nome daquilo que os torcedores ingleses costumam chamar simplesmente de *atmosphere*, se referindo a um ambiente mais animado e participativo nos jogos. Recusavam as formas modernas de construção centralizadora de *atmosphere*, que não permitiam as expressões tradicionais de apoio por parte dos torcedores, como a presença de mascotes, *cheerleaders* ou bandas próprias do clube.

De acordo com as conclusões de Nash, essas associações de torcedores não conseguiram atingir o nível de influência necessária para redirecionar as políticas de gestão dos clubes a ponto de democratizarem suas práticas nos termos propostos pelos torcedores. Ainda assim, esses movimentos representaram, num contexto de profunda transformação do futebol inglês, uma nova forma de associação torcedora em nome da valorização de perspectivas e maneiras próprias de vivenciar o futebol, contrária a imposição de cima para baixo de um modelo por parte de clubes e federações.

### **A luta contra o “futebol moderno” na Itália**

O lema “ódio eterno ao futebol moderno” é, provavelmente, a manifestação de contestação à mercantilização do futebol mais conhecida ao redor do mundo. Por outro lado, o significado atribuído ao chamado “futebol moderno” segue em disputa. Ainda que exista, em certo nível, um consenso contra a mercantilização do futebol, outros aspectos da adesão e manifestação contra o “futebol moderno” podem gerar divergências. O exemplo da Itália, em específico, permite compreender que não há uma única disputa entre instituições, clubes e detentores do poder financeiro e associações de torcedores, mas também uma disputa entre torcedores com ideais políticos e ideológicos diferentes.

Em primeiro lugar, em busca de alguma definição mais precisa para o conceito, recorro ao artigo de Numerato (2015), que discorre acerca da ideia de “moderno” utilizada pelas manifestações torcedoras. Segundo o autor, o significado atribuído por eles em nada se relaciona com o que a sociologia se acostumou a considerar em suas produções teóricas, como a sociedade moderna em contraste às sociedades tradicionais. O “moderno” utilizado pelos torcedores diz respeito ao contexto globalizado em que o esporte está inserido, altamente

envolvido na complexa lógica de produção de mercadorias dentro do esporte e a superexploração midiática contemporânea voltada ao futebol (NUMERATO, 2015: 121).

O início do uso do lema contra o futebol “moderno” é razoavelmente bem conhecido. Em dezembro de 1999, um torcedor da Roma, time da capital italiana, publicou um manifesto na internet<sup>4</sup> contendo críticas às organizações internacionais de futebol como a UEFA e a FIFA, regras que “torcedores verdadeiros” gostariam de ver sancionadas, especialmente contra as práticas e valores comerciais/capitalistas hegemônicos, e uma lista com comportamentos que os grupos *ultras* deveriam adotar. A versão atual possui tradução para o inglês, alemão e francês, além de indicar um espaço para sugestões dos leitores. A página também contém o registro de apoio de mais de 80 grupos de torcedores provenientes de 22 países (sendo 21 europeus e um grupo do Canadá), ainda que o alcance das manifestações contra o “futebol moderno” seja muito maior.

Em sua primeira parte, o manifesto chama a atenção para a associação entre UEFA, FIFA, os representantes de interesses televisivos e patrocinadores, alertando para a prioridade dada para os telespectadores e o descaso com os torcedores que frequentam os estádios. Há uma preocupação com o desaparecimento dos torcedores *ultras*, em nome da preferência para os “fãs moderados”. Fica clara, assim, uma hierarquização entre tipos de torcedores, em consonância com a taxonomia proposta no tópico anterior, separando as categorias entre moderados e verdadeiros. As preocupações nesse sentido também se relacionam com as propostas contidas no relatório Taylor, como a que indica a necessidade de assentos por todo o estádio, alterando a cultura dos torcedores mais participativos durante as partidas. O manifesto aponta que essa nova cultura, com torcedores sentados assistindo passivamente ao jogo, é comparável com o ambiente de um teatro ou cinema.

Em seguida, entre normas que torcedores “verdadeiros” gostariam de ver implementadas no futebol, existem preocupações com os valores mercadológicos predominantes, como a reivindicação de que jogadores só sejam contratados no início das temporadas, sem a possibilidade de uma janela de transferência em sua metade; o pedido de punição a um jogador que decide trocar de clube por uma proposta financeira melhor; pedido de proibição de um dirigente presidir dois clubes ao mesmo tempo, como ocorria, naquele momento, entre Roma e Palermo; entre outras reivindicações como a retirada dos nomes dos jogadores das camisas do clube e a manutenção de um mesmo modelo de uniforme ao longo das temporadas.

---

<sup>4</sup> O manifesto pode ser lido na íntegra, bem como o registro de apoio de grupos de torcedores: <http://www.asromaultras.org/manifesto.html#against> Acessado em 17 de novembro de 2018.

Entre as reivindicações expostas no manifesto, há uma em especial que indica o potencial polissêmico dessas contestações. Me refiro à indicação de limitação do número de jogadores estrangeiros nos clubes europeus, em nome da utilização de jovens jogadores das categorias de base (o autor do manifesto ainda coloca, entre parênteses, que preferiria que não fosse permitida a presença de estrangeiros em absoluto). O que pode ser interpretado como mero posicionamento contrário à lógica mercantilizada de jogadores profissionais e a valorização de jovens criados no clube, também acaba por abrir espaço para manifestações de cunho racista e xenófobo, algo que parte dos grupos *ultras*, especialmente na Itália, adota como hábito. Nesse sentido, as associações de torcedores citadas no caso inglês, que também se posicionam contra o processo de mercantilização do futebol, entrariam em conflito com suas propostas de inclusão social. Por outro lado, há registro de associações de grupos *ultras*, como no caso do *Progetto Ultrà*, que possui em suas pautas e reivindicações, além das contestações em torno do projeto neoliberal no futebol, a promoção de atividades de inclusão social e protestos contra o racismo (NUMERATO, 2015: 131).

Em sua parte final, demonstrando também a centralidade da discussão envolvendo os *ultras* no contexto, há uma série de recomendações que tais grupos deveriam seguir. De forma geral, todas apontam para a necessidade de independência dos mesmos, como na recusa de associação ou ajuda vindas de clubes e polícia, assim como a proposta de união entre *ultras* de diferentes clubes para causar danos ao que o manifesto classifica de “produto da TV”. Tentativas de coordenação entre torcedores *ultras* ocorreram, como nos casos do *Progetto Ultrà*, citado acima, e *Supporters in Campo*, na Itália, e a *Football Supporters Europe* e *Supporters Direct Europe*, com alcance continental (NUMERATO, 2015: 127).

Um documento produzido pela polícia italiana em 2004, citado por Simões (2017), aponta para a complexidade ideológica do contexto a partir da identificação de mais de 400 grupos *ultras* ativos na Itália naquele momento. Apesar de não conter informações sobre o que foi considerado como um posicionamento de esquerda ou direita (e até mesmo o que significa ser apolítico), uma classificação dos grupos *ultras* foi produzida da seguinte maneira: “apolítico (54%), esquerda (13%), extrema-esquerda (6%), direita (16%) e extrema-direita (9%)” (SIMÕES, 2017: 242).

Um exemplo dos diferentes posicionamentos políticos entre os *ultras* também pode ser verificado a partir do recorte de gênero. O “Sampdoria Rude Boys & Girls” (Garotos e Garotas Rudes da Sampdoria, em tradução livre) alterou seu nome oficial, que anteriormente indicava apenas a presença de homens, após o contato com um panfleto antissexista distribuído por torcedores alemães. As manifestações machistas, porém, também estão presentes, como no caso

dos torcedores do Ternana Calcio que se manifestaram contra as novas políticas de segurança nos estádios, com uma faixa contendo os dizeres “Quem são esses *stewards*<sup>5</sup>? Nos deem pelo menos algumas *hostesses*<sup>6</sup>!” (NUMERATO, 2015: 131-132). Ainda que não esteja citado diretamente no manifesto contra o futebol “moderno”, o desejo pela retomada de valores “tradicionais” nas arquibancadas também se relaciona com o ideal de masculinidade adotado por alguns grupos *ultras*, dificultando não só a união entre agrupamentos de orientações políticas e sociais diferentes na Itália, como os exemplos demonstram, mas impedindo também o apoio de torcedores progressistas de outras origens à causa geral contra a hipermercantilização do futebol.

Uma rápida digressão: entendo que uma saída possível para equalizar os diferentes interesses e gerar solidariedade entre um número cada vez maior de torcedores seja a abordagem interseccional proposta inicialmente por Kimberlé Crenshaw (2004) e resumida por Silma Bilge em um artigo de Helena Hirata (2014):

*A interseccionalidade remete a uma teoria transdisciplinar que visa apreender a complexidade das identidades e das desigualdades sociais por intermédio de um enfoque integrado. Ela refuta o enclausuramento e a hierarquização dos grandes eixos da diferenciação social que são as categorias de sexo/gênero, classe, raça, etnicidade, idade, deficiência e orientação sexual. O enfoque interseccional vai além do simples reconhecimento da multiplicidade dos sistemas de opressão que opera a partir dessas categorias e postula sua interação na produção e na reprodução das desigualdades sociais (BILGE, 2009: 70).*

O desafio é o de justamente conseguir levar em conta, ao mesmo tempo, todos os processos de dominação produzidos a partir dos diferentes marcadores sociais carregados por torcedores. A crítica à lógica neoliberal, pelo viés econômico, apesar de central, não dá conta de solucionar as problemáticas levantadas pela pluralidade de identidades existentes no meio do futebol, sendo o caso das mulheres, citado no parágrafo acima, apenas um dos recortes possíveis<sup>7</sup>.

Retomando: o artigo de Numerato (2015), já citado anteriormente, busca indicar mais elementos que compõem a heterogeneidade de significados e ações de torcedores no contexto italiano. Os diferentes avanços, retrocessos, negociações e enfrentamentos entre os diferentes agentes são tratados pelo autor a partir do conceito de reflexividade, central na obra de Anthony Giddens. Para Giddens, “a reflexividade da vida social moderna consiste no fato de que as

<sup>5</sup> Em geral, formam a segurança privada nos estádios “modernos”, identificados com coletes de cores chamativas. Facilmente observáveis em qualquer transmissão pela TV de jogos internacionais.

<sup>6</sup> Optei por manter o termo na língua original do artigo, inclusive por seu frequente uso entre falantes de português. A tradução indicaria algo como “recepcionistas”, talvez não acentuando suficientemente o cunho machista da frase proferida pelos torcedores.

<sup>7</sup> Apenas a indicação do grupo de “mulheres” já esconde uma série de outros marcadores sociais possíveis, como raça, classe e sexualidade, por exemplo, que implicam em experiências diferentes dentro de um contexto tão conservador como o do futebol.



práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991: 49). Numerato interpreta as iniciativas dos torcedores contra as práticas neoliberais no futebol como expressão dessa reflexividade, enquanto potencial para uma mudança social, bem como as respostas dadas pelos agentes que trabalham no sentido de promover e lucrar com essas políticas, como clubes, federações, canais de televisão, patrocinadores e afins, de forma que as mobilizações críticas por parte de torcedores não possuem um fim único em direção ao progresso e transformação social, mas que podem gerar reações que reafirmam os valores alvos dos protestos.

Pelo lado das iniciativas torcedoras, os exemplos são variados. Numerato cita o manifesto contra o futebol moderno, além de ações como a “greve” dos torcedores, deixando o estádio vazio durante as partidas. O autor cita o exemplo da torcida do Parma, em um jogo pela Copa da Itália de 2005, que esvaziou as arquibancadas, deixando apenas uma faixa com os dizeres “Vocês preferem dinheiro ao invés de torcedores? Essa é a arquibancada que vocês merecem” (NUMERATO, 2015: 126). As motivações para esses protestos são variadas: um segundo exemplo diz respeito à manifestação de torcedores da Roma, em 2010, contra uma espécie de carteira de identidade para os torcedores, que desconfiavam que tal dispositivo seria usado de maneira comercial e para controle de suas ações.

Como exemplo de reflexividade envolvendo os agentes que lucram com as práticas neoliberais no futebol, o autor destaca a apropriação dos dizeres contestadores por parte dos torcedores, transformando-os em mercadoria. Frases de protesto são reproduzidas em camisetas, faixas, adesivos e qualquer outro tipo de produto, adotando a mesma lógica mercantil que é criticada. No exemplo trazido por Numerato, consta que a produção dessas camisetas é feita por uma multinacional do ramo de roupas esportivas (NUMERATO, 2015: 121). É preciso refletir até que ponto, portanto, as estruturas capitalistas estão realmente sendo incomodadas nesse processo e se o potencial de transformação social está sendo desenvolvido.

Uma segunda forma de possível cooptação das manifestações contestatórias de torcedores por parte dos agentes que possuem a capacidade de definir as direções do campo futebolístico vem a partir do exemplo dos SLO (sigla em inglês para Supporter Liaison Officer, uma espécie de representação oficial das vozes torcedoras, atuando enquanto órgão mediador entre clube e torcida). A exigência de um SLO passou a existir na temporada de 2012-2013 para todos os clubes participantes de competições europeias. O que poderia ser considerada uma vitória por parte das associações torcedoras, possuindo a partir de então um reconhecimento público de sua existência e de seus interesses, pouco alterou o contexto geral. Para Numerato, “o

reconhecimento formal dos torcedores pode representar uma resposta a agendas mais gerais de torcedores de futebol ao invés de uma resposta direta à luta contra o futebol ‘moderno’” (NUMERATO, 2015: 129). Ainda segundo o autor, apesar de tal legitimidade alcançada, os torcedores na Itália continuaram a ser vistos através das lentes da criminalização e consumismo, ainda longe da participação direta nos processos de tomada de decisão.

### **O futebol europeu como ideal imposto à América Latina**

Neste tópico final, mais do que citar temas, disputas e debates em torno do futebol latino-americano destacados pela sociologia, gostaria de enfatizar um aspecto que entendo ser elementar na análise desse contexto. Pretendo mostrar como vários dos temas discutidos anteriormente sobre o futebol em países europeus se reproduzem no Brasil e, de forma mais abrangente, na América Latina. Essa reprodução, em minha interpretação, não ocorre por coincidência e mero acaso. O futebol – e especialmente o futebol enquanto produto de entretenimento – se adequa e se torna parte de um processo de globalização que envolve muito mais do que o esporte. As ciências sociais já trataram das relações de dominação econômica, social e política entre Europa e América Latina – posteriormente, os Estados Unidos também entram na equação –, com raízes no processo de colonização, de diferentes maneiras. Acredito que uma análise crítica sobre o contexto do futebol latino-americano que não leve em conta esse aspecto seja incompleto.

A seguir, pretendo recuperar autores que pensaram nessa relação entre continentes de forma crítica, relacionando-os com alguns exemplos de temas estudados por acadêmicos da área do esporte, de maneira a marcar um posicionamento teórico-metodológico que adoto neste *paper*.

No caso da sociologia brasileira, é tradicionalmente citado o trabalho de Cardoso e Faletto (2000), que teorizaram a relação entre o continente europeu e países latino-americanos em termos de desenvolvimento/subdesenvolvimento, centro/periferia e do conceito de dependência, que “alude diretamente às condições de existência e funcionamento do sistema econômico e do sistema político, mostrando a vinculação entre ambos, tanto no que se refere ao plano interno dos países como ao externo” (CARDOSO e FALETTTO, 2000: 508).

Os autores buscam realizar um duplo movimento: em primeiro lugar, rejeitam a interpretação evolucionista da história, que guarda à América Latina uma posição de atraso em relação à Europa, como se estivéssemos caminhando na mesma direção, num único ponto de chegada possível e atravessando os mesmos estágios de desenvolvimento; por outro lado, recusam adotar uma interpretação isolada da América Latina, enquanto um continente independente do contexto global. O que buscam é justamente perceber a relação entre os países

a partir de heranças da colonização, compreendendo o contexto social e político local e global, que permitiram determinadas transformações com determinadas características.

Como pensar, por exemplo, o processo de transformação dos estádios brasileiros sem levar em conta a subordinação tanto de instituições esportivas nacionais, agentes públicos, a imprensa esportiva e parte dos torcedores em relação a padrões e modelos estrangeiros? Simões (2017) analisa o recebimento dos megaeventos esportivos em território brasileiro, um tema frequente entre a bibliografia voltada à análise sobre o esporte no Brasil, como o grande vetor da chamada arenização dos estádios brasileiros. As arenas esportivas se baseiam em modelos que possuem influência tanto da Europa como dos Estados Unidos e se configuram em grandes complexos que são projetados para receber uma série de eventos, como shows musicais, e não só o futebol. Se o recorte for ainda mais específico e o olhar se voltar para a Copa do Mundo de 2014, o que ficou conhecido como “Padrão Fifa” para a construção ou reforma dos estádios brasileiros ignorou as culturas locais e formas de torcer próprias do nosso futebol, em uma imposição evidente de valores que não nos pertencem em nome da “modernização”, “evolução” e “desenvolvimento” não só do futebol nacional, mas também do país, utilizando termos tão próprios de uma relação pautada pelos preceitos evolucionistas citados anteriormente.

A aceitação passiva, por parte de clubes e instituições esportivas que comandam o futebol brasileiro, como a CBF, das exigências contidas no “Padrão Fifa” geraram consequências diretas para grande parte dos torcedores brasileiros que frequentavam estádios. Cito dois exemplos: o Maracanã, maior estádio do Brasil, possuía, antes da primeira reforma visando o recebimento dos Jogos Panamericanos de 2007, um setor conhecido como “Geral”, sendo o setor com os menores preços de ingressos, possibilitando um acesso maior de torcedores de baixa renda. A identificação com o espaço era tal que os torcedores eram chamados de “geraldinos”. A “Geral” foi substituída por mais um setor repleto de cadeiras, seguindo o modelo proposto pelo Relatório Taylor na Inglaterra, acarretando no aumento dos ingressos e na exclusão de torcedores que não reuniam mais condições de comparecer ao estádio; a torcida do Grêmio possuía uma maneira característica de comemorar os gols do time quando mandante das partidas: a avalanche. Marcado o gol, os torcedores corriam arquibancada abaixo gerando o efeito visual que justificava o apelido. Ao construir seu novo estádio, que não foi utilizado para a Copa do Mundo, mas mesmo assim recebia grande parte das exigências da Fifa, barras de ferro foram colocadas nas arquibancadas, o que passou a impedir o acontecimento da avalanche. Um aspecto próprio de um modo de torcer gremista foi excluído em nome de valores como “segurança” e “conforto”, sempre presentes nas arenas esportivas.

Uma segunda abordagem teórica, agora pelo viés da análise crítica do processo de globalização, é produzida por Milton Santos, geógrafo brasileiro. Uma síntese de seu pensamento pode ser acessada através do documentário “Encontro com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá”, dirigido por Silvio Tendler (2006), em que expõe alguns de seus conceitos centrais, como o de globalitarismo, compreendendo a globalização enquanto um movimento totalitário de dominação dos países centrais, envolvendo Europa e Estados Unidos, em relação aos países periféricos, especialmente na América Latina. A própria classificação crítica do comportamento latino enquanto uma caricatura dos países do Norte, citada no início do trabalho, também é encontrada no mesmo documentário, através da interpretação de Eduardo Galeano, escritor uruguaio, em consonância com o pensamento de Milton.

Como caracterizar, se não pela caricatura, a existência de *cheerleaders* e/ou a “Câmera do beijo” em arenas esportivas brasileiras? Ambos os fenômenos, nesse caso com clara inspiração em práticas encontradas em complexos esportivos estadunidenses, ocorrem, por exemplo, no Allianz Parque, estádio reformado do Palmeiras, e indicam outros elementos da dominação cultural em marcha. O globalitarismo nos reserva, assim, também no contexto do esporte como entretenimento, um papel de reprodução e negação da possibilidade de pensar maneiras de ser próprias, que façam sentido para a nossa realidade.

Uma outra manifestação desse globalitarismo é a hegemonia da razão econômica como meio de gerir o futebol, enquanto característica central do processo de mercantilização do futebol, que também atinge a América Latina. Os exemplos existem tanto na administração interna dos clubes, voltados a uma gestão dita profissional do futebol, com uma política de preços que elitiza seu público, colocando em pauta a preferência por outro perfil de torcedor como discutido no caso da Inglaterra, mas também nos modelos de negócios envolvendo as reformas e construções de novos estádios, como a venda dos *naming rights* dos mesmos para empresas estrangeiras.

Um caso de relativo sucesso de mobilização torcedora contrária a tal lógica comercial no futebol vem da torcida do San Lorenzo, da Argentina. Em 1979, a ditadura no país forçou a venda do estádio do clube, localizado no bairro Boedo na capital argentina, por uma quantia praticamente simbólica, e acabou repassando o terreno para uma rede de supermercados francesa. Mesmo após ter construído um novo estádio em outro bairro, inaugurado em 1994, a relação de identificação da torcida com seu espaço original, e o consequente desejo de retorno, continuava presente. Em 2012, favorecidos por uma lei de restituição histórica, fortemente apoiada nas ruas por torcedores do San Lorenzo, que obrigava a rede de supermercados a entrar em um acordo de revenda do terreno com o clube argentino, a torcida se mobilizou e até

arrecadou dinheiro para concretizar seu retorno. O desfecho só se deu em 2015, com a recompra do terreno original pelo clube<sup>8</sup>.

A relação sentimental de identificação com um espaço específico no futebol, ocorrido tanto no caso dos “geraldinos” com a Geral do Maracanã e a torcida do San Lorenzo com Boedo, é teorizada através do conceito de topofilia, levado à análise do futebol por Giulianotti (2002). Segundo o autor:

*O campo enquanto local evoca memórias e estimula expectativas. Suas características idiossincráticas são particularmente idealizadas: a inclinação do terreno, as carvoarias vizinhas, a cor dos tijolos, a loucura arquitetônica de uma arquibancada. Cada uma significa o status especial do campo relativo a outros estágios. Consequentemente, considera-se que os campos de futebol possuem seu próprio caráter sociogeográfico, representativo da comunidade dos torcedores.* (GIULIANOTTI, 2002: 97)

O que os exemplos citados acima demonstram é que a adoção de padrões e modelos construídos a partir de outras realidades não levam em conta e acabam com relações sociais próprias das localidades em que são aplicados.

Uma terceira possibilidade teórica de análise do futebol latinoamericano é a abordagem decolonial, representada aqui por Aníbal Quijano, sociólogo peruano, que propõe investigação da relação Europa-EUA/América Latina a partir do conceito de colonialidade. Em primeiro lugar, é preciso estabelecer a diferença entre colonialismo e colonialidade:

*Colonialidade é um conceito diferente de, ainda que vinculado a, colonialismo. Este último refere-se estritamente a uma estrutura de dominação/exploração onde o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho de uma população determinada domina outra de diferente identidade e cujas sedes centrais estão, além disso, localizadas noutra jurisdição territorial. Mas nem sempre, nem necessariamente, implica relações racistas de poder. O colonialismo é, obviamente, mais antigo, enquanto a colonialidade tem vindo a provar, nos últimos 500 anos, ser mais profunda e duradoira que o colonialismo. Mas foi, sem dúvida, engendrada dentro daquele e, mais ainda, sem ele não poderia ser imposta na intersubjectividade do mundo tão enraizado e prolongado.* (QUIJANO, 2010: 73)

No sentido definido pelo autor, a colonialidade deve ser entendida, portanto, enquanto os efeitos de longa duração gerados pelo colonialismo. Expressões gerais de colonialidade, como estruturas de poder impostas à América Latina, podem ser encontradas no campo da cultura, das relações raciais, da produção de conhecimento e, como proponho neste tópico, com ressonância também no futebol. A questão da discriminação racial, por exemplo, é urgente. Quijano localiza assertivamente a origem das estruturas raciais, enquanto modo de hierarquização e dominação de povos, como produto direto do processo de colonização do continente americano. Segundo o autor:

---

<sup>8</sup> Um relato jornalístico sobre o caso e a cultura da torcida de valorização de seu bairro: <http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/latinoamerica-futbol-club/post/toda-espera-tem-seu-fim.html> Acessado em 27 de novembro de 2018.

*A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos. A formação de relações sociais fundadas nessa idéia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. (QUIJANO, 2005: 107)*

Difícilmente um ano se passa sem casos flagrantes de racismo em competições sul-americanas como a Libertadores e a Copa Sulamericana. Os dados reunidos pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul apontam que, no ano de 2017, 43 casos de racismo foram registrados durante a temporada do futebol brasileiro, 72% de aumento em relação ao ano de 2016.

A contribuição do autor peruano ainda permite a inclusão, além dos aspectos econômicos e raciais levantados, da discussão em torno das estruturas de dominação em torno do gênero. Segundo Quijano, os três elementos – trabalho, raça e gênero – estão articulados em uma mesma estrutura global colocada em prática através da colonialidade do poder, aproximando a produção do autor das discussões sobre interseccionalidade tratadas anteriormente. Talvez o trabalho com maior repercussão discutindo a questão de gênero no futebol, especificamente a produção e reafirmação da masculinidade, seja o de Archetti (2003). O autor, antropólogo argentino, articula futebol, tango e pólo para dissertar acerca não só de uma identidade nacional, mas uma identidade masculina na Argentina. No que se refere ao futebol, o exemplo de Maradona enquanto representante de um tipo de futebol livre, baseado no talento e no drible, em oposição ao estilo inglês, mais duro e disciplinado, é o que simboliza o ideal masculino argentino.

O estudo do futebol através da posição subalternizada ocupada pela América Latina no processo de globalização e na relação com outras regiões do mundo, definida ainda nos processos de colonização, como pretendi demonstrar, permite um alcance abrangente de temas. Porém, para que abandonemos a função reprodutiva de modos de vida que não são nossos, simbolizado pela analogia da caricatura, é preciso que as soluções para os problemas impostos também não sejam importadas acriticamente. Nesse sentido, endosso a fala de Eduardo Galeano, presente do documentário sobre Milton Santos referenciado acima, de que o desafio da América Latina é justamente o de oferecer ao mundo um mundo diferente.

## Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

- ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.
- BILGE, Sirma. Théorisations féministes de l'intersectionnalité. *Diogenes*, 1 (225): 70-88, 2009.
- CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. Dependência e desenvolvimento na América Latina. In: BIELSCHOWSKY, Ricardo (org.). *Cinquenta anos de pensamento na Cepal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília: Unifem, 2004.
- ENCONTRO com Milton Santos: o mundo global visto do lado de cá. Direção: Silvio Tandler. Rio de Janeiro: Caliban Produções Cinematográficas, 2006.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- \_\_\_\_\_. Fanáticos, seguidores, fãs e flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n. 1, 2012.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, 26 (1), p. 61-73, 2014.
- MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquistado do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.
- NASH, Rex. Contestation in Modern English Professional Football: The Independent Supporters Association Movement. *International Review for the Sociology of Sport*, 35, n. 4, pp. 465-486, 2000.
- NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football”? Italian supporters, reflexivity and neo-liberalism. *Journal of Sports and Social Issues*, vol. 39, 2, pp. 120-138, 2015.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgard (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005.
- \_\_\_\_\_. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SIMÕES, Irlan. *Clientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.
- TAYLOR, Ian. ‘Football mad’: A speculative sociology of soccer hooliganism. In: DUNNING, Eric (ed.) *Sociology of Sport: A Selection of Readings*. London, UK: Cass, pp.357–377, 1971.